

O que é a linguística de línguas crioulas?

Gabriel Antunes de Araujo

O que é a linguística de línguas crioulas?

Os estudos científicos das línguas crioulas tiveram início com os trabalhos do austríaco Hugo Schuchardt (1842-1927), considerado o fundador da disciplina. No mundo de língua portuguesa, ao lado do pioneiro Adolfo Coelho (1880), destacam-se os trabalhos de Barros (1885), Costa e Duarte (1886), Brito (1887), Ribeiro (1888) e Negreiros (1895), em África, e os de Sebastião Rodolfo Dalgado (1855-1922) sobre as línguas crioulas, ou variantes de português reestruturado, faladas no subcontinente indiano. Couto (1996) e seu grupo na Universidade de Brasília foram cruciais para a difusão dos estudos crioulos no Brasil.

Nos últimos 70 anos, contudo, a área tem atraído a atenção de pesquisadores, com abordagens teórico-metodológicas diversas. A partir do início dos anos 1990, com a democratização das nações africanas, anteriormente invadidas e colonizadas por Portugal, o número de estudos vem aumentando, levando à produção de centenas de artigos, livros, dissertações e teses acadêmicas sobre as línguas crioulas lexificadas pelo português.

Expressões como *língua crioula de base portuguesa* ou *língua crioula de base francesa* são eurocentristas e deveriam ser evitadas. No entanto, a literatura tem empregado esses termos nos últimos cento e cinquenta anos e uma definição que abarque o papel das línguas lexificadoras, sem mencionar a especificidade sócio-histórica da gênese dessas línguas, ainda não foi proposta. Atualmente, o termo consensual tem sido *língua crioula lexificada pelo português, pelo francês* etc. ou simplesmente se usa um dos nomes atribuídos à língua, seja pela comunidade de falantes, seja pela comunidade científica. Ao mesmo tempo, as línguas crioulas lexificadas pelo português não são dialetos, nem versões simplificadas ou formas erradas, da língua portuguesa. Atualmente, as línguas crioulas lexificadas pelo português são faladas nos seguintes territórios¹:

¹ Aqui, empregamos códigos ISO 639-3, formados por sequências alfabéticas de três letras, que se referem exclusivamente a uma única língua. No texto, mencionamos as seguintes línguas: angolar (aoa), crioulo da Guiné Bissau (pov), crioulo indo-português (ind), espanhol (esp), fa d'Ambô (fab), inglês (eng), lung'le (pre), kabuverdianu (kea), maquista (mzs), neerlandês (ndl), papiá kristang (mcm), papiamentu (pap), pichi da Guiné Equatorial (fpe), pidgin inglês nigeriano (pcm), português (por), santome (cri) e saramacan (srm).

- 1
 - a. Cabo Verde: kabuverdianu/caboverdiano
 - b. São Tomé e Príncipe: angolar, lung'Ie/principense, santome/sãotomense/forro e kabuverdianu
 - c. Guiné-Bissau e Senegal: crioulo da Guiné Bissau/guineense/kriol e crioulo de Casamansa
 - d. Curaçao, Aruba e Bonaire: papiamentu/papiamento
 - e. Guiné Equatorial: fa d'ambô
 - f. Malásia: papiá kristang ou crioulo português de Malaca
 - g. Macau: maquista ou crioulo de Macau
 - h. Índia: Crioulo indo-português

Línguas crioulas são línguas naturais cuja gênese é atribuída a um conjunto de fatores específicos. Contudo, não são apenas um fenômeno sociolinguístico (McWhorter, 2005). Em primeiro lugar, o termo *crioulo* refere-se a algo criado em uma região, geralmente sob colonização. Dessa forma, as línguas crioulas são produtos linguísticos fora do contexto original dos falantes e de suas línguas coloniais ou não. Considerando que cada contexto é único, os crioulos também o são. Assim, a *língua crioula papiamentu*, falada no Caribe, é muito diferente do *angolar*, falado em São Tomé e Príncipe, pois os contextos que as geraram são distintos. Esses fatores sócio-históricos estão comumente ligados à expansão ultramarina europeia, cujo modelo econômico foi alicerçado no sequestro, no transplante e no isolamento forçado de populações em ambientes confinados (ilhas, plantações, fortalezas ou cidadelas em territórios novos), hostis ou parcialmente hostis aos colonizadores, o que transformava essas regiões em ilhas de fato e promovia uma cultura de isolamento social.

Historicamente, as línguas crioulas surgem quando populações multilíngues ou falantes de várias línguas diversas (muitas vezes, sequer pertencentes à mesma família), sem possibilidade de intercomunicabilidade, são confinadas em ambientes restritos por uma população não-autóctone, minoritária, com prestígio social, com poder econômico e/ou militar e com uma política repressiva e/ou segregacionista (Araujo, 2011; Arends et al., 1995). Uma das hipóteses mais aceitas sugere que, da necessidade de comunicação e da impossibilidade de uso de uma língua comum a todos, a língua da população

Eberhard et al. (2024) afirmam que o crioulo de Casamansa é uma variedade do crioulo da Guiné Bissau falada no Senegal. Adicionalmente, Eberhard et al. (2024) e outros autores definem o papiamentu como um crioulo ibérico (português e espanhol). De forma similar, o saramacan, falado no Suriname, é considerado uma língua lexicada pelo português e pelo inglês. Posto que há algumas línguas crioulas lexicadas pelo português faladas na Índia e no Sri-Lanka, seguindo a literatura, aqui as reunimos sob o mesmo rótulo - crioulo indo-português (ver Cardoso, 2009; Cardoso, 2020; Smith, 1994).

dominante, pelo seu prestígio e seu uso administrativo, se torna a candidata natural ao posto de língua franca (mesmo que nunca seja efetivamente aprendida pelas populações oprimidas) ou ainda compõe o cadinho que gerará uma língua emergencial (ver Ansaldo e Meyerhoff, 2020; Holm, 1989; Kouwenberg e Singler, 2008; Thomason e Kaufman, 1988). No entanto, o aprendizado dessa língua emergencial (*pidgin*) como língua adicional e os processos linguísticos típicos do aprendizado de línguas adicionais por adultos (inicialmente, os escravizados eram adultos), associados à transmissão entre falantes não-nativos da língua-alvo, davam origem a uma nova língua estável. Posteriormente, os falantes iniciais dessa nova língua encarregavam-se de transmiti-la às levadas de escravizados recém-chegados. Essa transmissão ocorria na medida em que os escravizados com maior domínio da língua emergencial ou com proximidade aos contextos em que a língua-alvo era utilizada (escravizados que trabalhavam nas casas-grandes, por exemplo) comunicavam-se com os demais escravizados, distantes da nova língua por exercerem funções afastados dos administradores. Traços linguísticos dessa língua emergencial inicial tendem a se cristalizar e a serem transmitidos às gerações futuras (Mufwene, 2008).

Com a complexificação do processo escravagista e a necessidade constante de mão de obra, mulheres também passaram a ser alvo de sequestro ou de confinamento voluntário (como relatado em regiões da Ásia). Consequentemente, essas mulheres tinham filhos com outros escravizados ou com colonos. As crianças nascidas nesse ambiente adquiriram a nova língua como materna, ainda que majoritariamente falada por uma comunidade de adultos, o que resultou em uma língua crioula. Assim, a estabilidade conferida pela aquisição da língua pelas crianças conferia a essa versão da língua crioula um modelo estável para todos os escravizados e para os homens livres que circulavam naquele ambiente. Destarte, os colonizadores, ao intermediar o transplante de populações exógenas para ambientes insulares no Atlântico ou no Indo-Pacífico, ao misturar indiscriminadamente essas populações, ao destruírem o tecido social que unia os grupos às suas línguas e comunidades, criaram, involuntariamente, as condições para a gênese das línguas crioulas.

Aqui, a destruição do tecido social refere-se à transformação do *status* de cada falante na nova comunidade. Cada pessoa ocupa um espaço social no qual emprega sua língua e suas habilidades sociais (posição na hierarquia, talentos e ofícios, tratos religiosos, entre outros). No processo escravocrata, o indivíduo era arrancado desse espaço original e, pelo colonizador, transformado em objeto. Um pescador habilidoso em

uma comunidade pode ser reduzido a um cortador de cana-de-açúcar em uma situação de escravidão. Todas as suas habilidades sociais e linguísticas podem ser ignoradas nesse processo. Logo, no novo ambiente de escravidão, cada indivíduo sobrevivente precisa construir laços sociais possíveis e aplicar sua agentividade, criatividade e humanidade em uma sociedade brutal, com pouca ou nenhuma perspectiva positiva (Faraclas, 2012). Depois de alguns anos, seja pela estabilidade da população local ou pelo valor social que a língua adquire, o crioulo se estabiliza. Destarte, a gênese da língua crioula foi concluída. Não obstante, o processo de criouliização não é eternamente contínuo. Em linhas gerais, uma língua crioula moderna, como o papiamentu, está para o papiamentu do século XVIII, assim como o português europeu moderno está para o português do século XVIII. O estudo das línguas crioulas do passado, seja por meio de reconstrução linguística ou de dados documentais, revela essas alterações, encontráveis em todas as línguas naturais (Araujo e Mendes, 2025; Bandeira, 2017). Depois que a língua crioula se estabilizou, os mesmos processos de variação e mudança observados em qualquer língua natural passaram a se manifestar.

A disciplina de investigação dessas línguas chama-se *Estudos Crioulos*. Contudo, o termo crioulo não é cientificamente acurado. Muitos estudiosos ainda o utilizam, porém, estão cientes de seus limites. Por essa razão, nos últimos anos, os pesquisadores têm preferido nomear cada língua conforme o termo mais aceito na comunidade científica ou na comunidade de falantes. Por isso, é comum encontrarmos muitos nomes para a mesma língua. Como exemplo, podemos citar a língua crioula lexificada pelo português outrora falada em Macau, China. Essa língua já foi denominada *Crioulo de Macau*, *Crioulo Macaense*, *Lingu Nhonha*, *Papiâ Cristâm di Macau*, *Papiaçâm*, *Patuá*, *Patoá*, *Português de Macau*, *Maquista*, entre outros (Fernandes e Baxter, 2004). Atualmente, os nomes *Maquista* e *Crioulo de Macau* são os mais aceitos pela comunidade científica, enquanto o termo *patuá* é o mais utilizado pela comunidade de falantes (Lebel, 2021). Todavia, *patuá*, *gíria* ou *dialeto* são genéricos e, comumente, pejorativos, usados em contextos em que se compara a língua lexificadora, que seria “pura e perfeita”, com as línguas crioulas, que seriam “degeneradas” e “imperfeitas”.

Ademais, as línguas crioulas possuem sistemas fonético-fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos com traços sem equivalentes no português, colmatados por influências africanas e asiáticas. Portanto, são línguas diferentes e possuem gramáticas próprias, como pode ser observado nos exemplos de quatro línguas, em (2).

Em (2a), por exemplo, o dado da língua santome apresenta uma estrutura com um ideofone, *sasasa*, na colocação *ngê sasasa*. Em (2b), o exemplo do lung’le revela a incorporação de uma palavra, *igbê*, para designar o corpo humano, gramaticalizada como pronome reflexivo. No dado em (2c), por sua vez, o morfema livre *tabata* designa o pretérito imperfeito do verbo copular *ta* “ser/estar”. Por fim, o dado em (2d) demonstra que o crioulo indo-português de Diu emprega a estratégia de reduplicação para formar o plural em *moyr* “muçulmano” e *moyr-moyr* “muçulmanos”.

2 a. Santome/forro/sãotomense

Non	mêsê	ngê	sasasa
1PL ²	querer	pessoa	ideofone

‘Nós queremos uma pessoa vívida.’ (adaptado de Araujo, 2009: 33)

b. Lung’le/principense

Ami	mesu	fii	igbê	me
1SG	mesmo	ferir.PST	REFL	1PO

‘Eu mesmo me feri.’ (Agostinho e Araujo, 2021: 164)

c. Papiamentu

E	tabata	ta	tata	di	shete	yu
3SG	PST.IPFV	COP	pai	de	sete	criança

‘Ele era o pai de sete crianças.’ (adaptado de Maurer, 1998: 50)

d. Indo-português de Diu

Es	tud	rækri	tud	ε	də	moyr-moyr
DEM	tudo	barraquinha	tudo	COP	de	muçulmano.PL
		de comida				

‘Todas essas barraquinhas de comida pertencem a muçulmanos.’

(adaptado de Cardoso, 2009: 120)

Os exemplos em (2) indicam que as línguas crioulas são distintas de sua língua lexificadora e contêm elementos tipológicos de suas línguas formadoras. Em resumo, a expressão *língua crioula, lexificada pelo português*, refere-se às línguas surgidas do contato entre falantes de português e de línguas africanas ou asiáticas, utilizadas por populações em espaços insulares no Atlântico ou no Indo-Pacífico, em condições de

² Abreviaturas: 1 primeira pessoa, 3 terceira pessoa, COP cópula, DEM demonstrativo, IPFV imperfectivo, PL plural, PST passado, REFL reflexivo, PO pronome oblíquo, SG singular.

escravidão. O contato resultante deste confinamento gerou novas línguas, com léxico predominantemente de étimos portugueses.

O objetivo da linguística de línguas crioulas, portanto, é estudar as línguas surgidas nestes contextos e demonstrar que, como línguas naturais, possuem processos linguísticos universais e fenômenos ainda pouco descritos. Destarte, qualquer estudo de uma língua crioula é uma contribuição ao quebra-cabeça do conhecimento sobre as línguas humanas e mais um passo para entendermos a faculdade da linguagem.

O que estuda a linguística de línguas crioulas?

Os estudos de línguas crioulas focam nos fenômenos linguísticos e sociolinguísticos que ajudam a explicar sua gênese, estrutura e funcionamento geral. Outrossim, as línguas crioulas são faladas em ambientes multilíngues, sem exceção. Assim, há muitas possibilidades de investigar aspectos do bilinguismo ou do multilinguismo em comunidades crioulas e sua influência na manutenção e na obsolescência dessas línguas, bem como a interação entre essas línguas e a escola.

O fato de as línguas crioulas lexificadas pelo português serem, em geral, faladas em países em desenvolvimento, muitas vezes com baixo investimento em investigação, também faz com que essas línguas sejam pouco documentadas (Araujo e Hagemeyer, 2013; Baxter, 1988, 2012; Bouchard, 2017; Braga, 2023; Hagemeyer, 2007). Posto que há, geralmente, poucos estudos, é urgente envidar esforços para popularizar o uso dessas línguas, bem como ampliar a documentação e a produção de instrumentos linguísticos (dicionários, gramáticas, livros didáticos e paradidáticos, literatura, TV e internet, entre outros). A língua papiamentu é uma exceção, pois possui uma longa tradição de documentação que remonta ao início do século XIX e de uso escrito ainda no século XVIII (Araujo, 2011; Freitas, 2016; Jacobs, 2009) e é, certamente, a língua crioula lexificada pelo português mais estudada e com maior prestígio. A Figura 1, por exemplo, apresenta um exemplo do uso do papiamentu moderno, em Curaçao.



Figura 1: Cartaz no restaurante Pizza Hut em Willemstad, escrito em papiamentu. Tradução do texto: “Você podia escolher e nos escolheu. Obrigado, Pizza Hut.” Foto: do autor.

Por outro lado, menos de dez investigadores se dedicaram à língua angolara, por exemplo. Há duas descrições gramaticais elaboradas por Maurer (1995) e Lorenzino (1998), ao lado de um punhado de estudos por Ferraz (1976), Rougé (2004), Araujo et al. (2020), Bandeira et al. (2022) e Bandeira et al. (2021). Seibert (2004) é um estudo sobre as origens do grupo étnico angolara. Não obstante, muitas dessas línguas estão em processos avançados de extinção - como o *lung’le* - e sua documentação é ainda mais urgente (Agostinho et al., 2016).

Quais são as grandes linhas de investigação?

Um dos temas centrais na área de estudos crioulos é o debate entre as correntes que defendem a excepcionalidade das línguas crioulas ou a hipótese unitarista. A primeira afirma que as línguas crioulas são um produto da expansão e da nativização de *pidgins*, línguas emergenciais pouco estruturadas que surgem da necessidade de uma ponte comunicativa entre falantes de línguas mutuamente incompreensíveis, comumente aprendidas como línguas adicionais. Tipicamente, os *pidgins* são usados em situações específicas ou como língua franca entre comunidades (Velupillai, 2020), empregados como uma primeira língua (em ambientes com outras línguas maternas) que estão sujeitos às mudanças gramaticais, promovidas pelas gerações futuras, que ocorrem em todas as línguas naturais (Bickerton, 1981, 1984; McWhorter, 2005, 2018). Portanto, as línguas crioulas formariam um grupo linguístico único e tipologicamente uniforme. A segunda hipótese, por sua vez, postula que as línguas crioulas não são linguisticamente “especiais”, pois sua gênese decorre da transmissão de línguas europeias ou de outras regiões que fornecem o léxico mais comumente utilizado. A gênese dessas línguas pode ser explicada por mecanismos típicos de aquisição da linguagem em ambientes multilíngues, com forte influência das línguas presentes nos momentos iniciais da crioulogênese (Aboh, 2015, 2020; Aboh e de Graff, 2016; Mufwene, 2001, 2008).

Para além do debate sobre a tipologia das línguas crioulas, as grandes linhas de investigação incluem a descrição e a análise de aspectos gramaticais formais (fonologia e morfossintaxe), a documentação de léxico e estudos tipológicos comparativos entre línguas da mesma família ou grupo de línguas com o mesmo lexificador. Todavia, há poucos estudos sobre discurso, aquisição, variação e mudança. Por fim, uma grande tarefa é compreender melhor o escopo das influências africanas e asiáticas nessas línguas. Comumente, a investigação das línguas crioulas é custosa, requer muito tempo e envolve trabalhos de campo e viagens a regiões, às vezes, remotas ou politicamente instáveis.

Que estudos podem ser desenvolvidos na linguística de línguas crioulas?

Uma infinidade de estudos pode ser desenvolvida na linguística de línguas crioulas. Por exemplo, as línguas do mundo podem ser classificadas, no que diz respeito à prosódia, basicamente, em tonais (nas quais o tom promove uma mudança lexical, como o chinês mandarim), acentuais (nas quais o acento promove uma mudança lexical, como o português) ou *pitch-accent* (nas quais determinadas sílabas da palavra apresentam proeminência de *pitch*, como o japonês³). A partir do estudo comparativo de quatro línguas - saramacan, pidgin inglês nigeriano⁴, pichi da Guiné Equatorial e lung'le -, Agostinho (2023) propõe que os sistemas prosódicos ali encontrados não possuem equivalentes em línguas não-crioulas, posto que o padrão de associação entre um item lexical e um elemento prosódico (tom, acento ou *pitch*) nessas línguas deriva de uma correlação com o étimo africano ou português. A autora defende que esses sistemas são o resultado de um contato linguístico extremo e só podem ser encontrados em línguas crioulas, o que corroboraria a hipótese da excepcionalidade das línguas crioulas.

No que diz respeito aos estudos históricos, são raros os documentos que permitem observações diacrônicas das línguas crioulas, devido à escassez de fontes, com exceção do papiamentu, documentado em sua forma escrita pelo menos desde o final do século XVIII. O primeiro texto conhecido da língua data de 1783 (Jacobs e van der Wal, 2015). (Araujo, 2011) conclui que, ao longo do século XIX, havia divergências ideológicas quanto ao estabelecimento da grafia da língua. O autor mostra que, de um lado, M. J. Niewindt e seus seguidores adotavam um sistema de escrita no qual o

³ Alguns autores consideram que as línguas chamadas de *pitch-accent* são línguas tonais restritas e não formam uma categoria prototípica, cf. Hyman (2006).

⁴ O nome da língua contém o termo *pidgin*, todavia, trata-se de um crioulo.

papiamentu seguia um padrão etimológico em direção às línguas lexificadoras espanhol e português. Ao passo que seu contemporâneo, J. J. Putman e seus seguidores utilizavam um sistema gráfico inspirado na língua metropolitana, o neerlandês. Assim, a palavra “depois”, por exemplo, era grafada por Niewindt como <despuēs> e por Putman como <despoeëes>. Aqui, podemos observar que o som de [u] era representado pelo primeiro como no sistema gráfico do espanhol e do português, isto é, <u>, e pelo segundo, como na grafia do neerlandês: <oe>. Adicionalmente, o som de [es] na sílaba final foi representado como <ëes> por Putman. O estudo propõe que a maior presença do governo colonial em Curaçao, após 1815, teve um impacto significativo na lexicalização de étimos neerlandeses no papiamentu e que Putman registrava e apoiava esse aumento da influência metropolitana, em oposição a Niewindt. Em suma, qualquer estudo linguístico, sincrônico ou diacrônico, pode ser realizado a partir de línguas crioulas, bem como de trabalhos que considerem sua especificidade ou a ausência dela.

O que eu poderia ler para saber mais?

Para saber mais:

1. Bandeira, Manuele. 2017. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. <http://www.doi.org/10.11606/T.8.2017.tde-05042017-134159>

Bandeira propõe a reconstrução fonológica e lexical da língua que deu origem a quatro crioulos lexificados pelo português (angolar, fa d’ambô, lung’le e santome). O trabalho contém descrições fonológicas dessas quatro línguas e do protocrioulo, além de um capítulo sobre o método histórico-comparativo.

2. Couto, Hildo Honório. 1996. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Gráfica e Editora Qualidade Lida.

O livro de Couto é uma introdução aos estudos das línguas crioulas lexificadas pelo português e uma janela para os principais temas abordados na área no final do século XX. Contém informações enciclopédicas sobre várias línguas e é escrito em linguagem acessível.

3. Freitas, Shirley. 2016. *Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu*. São Paulo: Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.8.2016.tde-13102016-145726>.

O texto de Freitas, baseado em documentos dos séculos XVIII e XIX, revela como um conjunto de fatores levou à gênese da língua papiamentu em Curaçao, uma ilha do Caribe, que inclui o aporte linguístico de crioulos lexificados pelo

português na região africana da Alta Guiné, bem como a participação de judeus sefarditas (expulsos do nordeste do Brasil no século XVII). Além disso, a língua passou por processos de relexificação no contato com falantes de espanhol da Venezuela e com a classe dominante neerlandesa.

4. Lamberti, Luana & Ana Livia Agostinho (eds.). 2025. *Afro-Iberian languages: Contact and sociohistory* (Contact and Multilingualism). Berlin: Language Science Press. <https://langsci-press.org/catalog/book/392>

O volume multilíngue, editado por Lamberti e Agostinho, contém dezoito textos sobre as línguas afro-ibéricas, incluindo trabalhos sobre línguas crioulas e sobre o português e o espanhol em contextos de contato, na África e na América Latina.

5. Madeira, Sandra Luísa Rodrigues. 2008. *Towards an annotated bibliography of restructured Portuguese in Africa*. Coimbra: Universidade de Coimbra. http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/DOCENTES/S_Madeira/Tese%20Mestrado.pdf

O trabalho de Madeira, publicado em inglês, reúne listas com dezenas de itens bibliográficos sobre línguas crioulas africanas lexificadas pelo português e menciona também trabalhos sobre algumas variedades do português reestruturado (cf. Holm, 2004) falado na África.

Principais periódicos dedicados às línguas crioulas:

Arquivo da Revista Papia (1993-2020). Disponível em <https://revistapapia.wordpress.com/>

Journal of Ibero-Romance Creoles. Disponível em www.acblpe.com/revista

Journal of Pidgins and Creole Languages. Disponível em www.jbe-platform.com/content/journals/15699870

Sobre o autor

Gabriel Antunes de Araujo é professor associado de linguística na Universidade de Macau (China) e professor do programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (Brasil). Possui doutorado pela *Vrije Universiteit Amsterdam* (2004). Seus interesses de pesquisa incluem o contato linguístico, as línguas crioulas lexificadas pelo português e os estudos sobre o português na África e na Ásia.

E-mail: gabriel.antunes@icloud.com

Referências

- Aboh, Enoch O. 2015. *The emergence of hybrid grammars: language contact and change*. Amsterdam: John Benjamins.
<https://doi.org/10.1017/CBO9781139024167>
- Aboh, Enoch O. 2020. Lessons From Neuro-(a)-Typical Brains: Universal Multilingualism, Code-Mixing, Recombination, and Executive Functions. [Hypothesis and Theory]. *Frontiers in Psychology*, Volume 11 - 2020.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00488>
- Aboh, Enoch O & Michel de Graff. 2016. A Null Theory of Creole Formation Based on Universal Grammar. In Roberts, Ian (ed.), *The Oxford Handbook of Universal Grammar*, pp. Oxford: Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199573776.013.18>
- Agostinho, Ana Livia. 2023. Word prosody of African versus European-origin words in Afro-European creoles. *Linguistic Typology*, 27(2), 481–507.
<https://doi.org/10.1515/lingty-2022-0043>
- Agostinho, Ana Livia & Gabriel Antunes de Araujo. 2021. *Lung'Ie, lunge no*. São Paulo: FFLCH/Humanitas. <https://doi.org/10.11606/9786587621500>
- Agostinho, Ana Livia, Manuele Bandeira & Gabriel Antunes de Araujo. 2016. O lung'Ie na educação escolar de São Tomé e Príncipe. *Trabalhos em linguística aplicada*, 55(3), 591–618. <https://doi.org/10.1590/010318135164183401>
- Ansald, Umberto & Miriam Meyerhoff (eds.). 2020. *The Routledge Handbook of Pidgin and Creole Languages*. London: Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9781003107224>
- Araujo, Gabriel Antunes de. 2009. Ideofones na língua sãotomense. *Papia*, 19, 23–37.
- Araujo, Gabriel Antunes de. 2011. *Três textos em papiamentu clássico*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Araujo, Gabriel Antunes de, Manuele Bandeira & Ana Livia Agostinho. 2020. Vowel Harmony in the Proto-Creole of the Gulf of Guinea. *Entrepalavras*, 10(1), 36–58. <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-11747>
- Araujo, Gabriel Antunes de & Tjerk Hagemeijer. 2013. *Dicionário livre santome/português (Livlu-nglandji santome/putugêji)*. São Paulo: Hedra.
- Araujo, Gabriel Antunes de & Guilherme Mendes. 2025. Hybrid Compound Formation in Classical Papiamentu. *Forum for Linguistic Studies*, 7(1), 891–901.
<https://doi.org/10.30564/fls.v7i1.7933>
- Arends, Jacques, Pieter Muysken & Norval Smith (eds.). 1995. *Pidgins and creoles: an introduction* (Creole Language Library, Vol.15). Amsterdam: John Benjamins.
<https://doi.org/10.1075/sl.23.1.11nyl>
- Bandeira, Manuele. 2017. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
<http://www.doi.org/10.11606/T.8.2017.tde-05042017-134159>
- Bandeira, Manuele, Ana Livia Agostinho & Shirley Freitas. 2021. Aspectos fonético-fonológicos do angolano moderno. *ALFA: Revista de Linguística*, 65.
<https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13177>
- Bandeira, Manuele, Gabriel Antunes de Araujo & Thomas Finbow. 2022. The Gulf of Guinea Proto-Creole and Its Daughter Languages: From Liquid Consonants to Complex Onsets and Vowel Lengthening. *Journal of Language Contact*, 14(3), 524–556. <https://doi.org/10.1163/19552629-14030002>

- Barros, Frederico Marques de. 1885. Língua creola da Guiné Portuguesa e do Archipelago de Cabo Verde. *Revista de Estudos Livres*, 3(3), 152–155.
- Baxter, Alan N. 1988. *A Grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)*. Canberra: Pacific Linguistics. <https://doi.org/10.15144/pl-b9>
- Baxter, Alan N. 2012. The Creole Portuguese Language of Malacca: a delicate ecology. In Jarnagin, Laura (ed.), *Culture and Identity in the Luso-Asian World*, pp. 115–142. Singapore: ISEAS.
- Bickerton, Derek. 1981. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma.
- Bickerton, Derek. 1984. The language bioprogram hypothesis. *Behavioral and Brain Sciences*, 7(2), 173–188. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00044149>
- Bouchard, Marie-Eve. 2017. *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. New York: New York University. <https://doi.org/10.5334/jpl.192>
- Braga, Gabriela. 2023. *A prosódia do guineense (kriol) e do português falado na Guiné-Bissau: análise de tipos frásicos*. São Paulo: Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.8.2023.tde-22112023-155220>
- Brito, António de Paula. 1887. Dialectos crioulo-portugueses. Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde (revista por Adolpho Coelho). *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 7(10), 611–669.
- Cardoso, Hugo. 2009. *The Indo-Portuguese Language of Diu*. Utrecht: LOT.
- Cardoso, Hugo. 2020. Contact and Portuguese–Lexified Creoles. In Hickey, Raymond (ed.), *The Handbook of Language Contact*, pp. 469–488. Chichester: Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781119485094.ch23>
- Coelho, Adolfo Francisco. 1880. Os dialetos românticos ou neolatinos na África, Ásia e América. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 3, 29–96.
- Costa, Joaquim Vieira Botelho da & Custódio José Duarte. 1886. O Creôlo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o Creôlo das Ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 6(325–388).
- Couto, Hildo Honório. 1996. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Gráfica e Editora Qualidade Lida.
- Eberhard, David M., Gary F. Simons & Charles D. Fennig (eds.). 2024. *Ethnologue: Languages of the World. Twenty-seventh edition*. Dallas: SIL International.
- Faraclas, Nicholas (ed.) 2012. *Agency in the Emergence of Creole Languages: The role of women, renegades, and people of African and indigenous descent in the emergence of the colonial era creoles* (Creole Language Library, 45). Amsterdam: John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cll.45>
- Fernandes, M. d. S. & Alan N Baxter. 2004. *Maquista chapado: vocabulary and expressions in Macao's Portuguese Creole*. Macau: Instituto Cultural do Governo da Região Especial Administrativa de Macau.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1976. A origem e o desenvolvimento de quatro crioulos portugueses do Golfo da Guiné. *Revista Brasileira de Linguística*, 3, 70–76.
- Freitas, Shirley. 2016. *Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu*. São Paulo: Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.8.2016.tde-13102016-145726>
- Hagemeijer, Tjerk. 2007. *Clause structure in santome*. Lisboa: Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/551>
- Holm, John. 1989. *Pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Holm, John. 2004. *Languages in contact: The partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Hyman, L. M. 2006. Word-prosodic typology. *Phonology*, 23(2), 225–257.
<https://doi.org/10.1017/S0952675706000893>
- Jacobs, Bart. 2009. The Upper Guinea origins of Papiamentu Linguistic and historical evidence. *Diachronica*, 26(3), 319–379.
- Jacobs, Bart & Marijke J van der Wal. 2015. The discovery, nature, and implications of a Papiamentu text fragment from 1783. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 30(1), 44–62. <https://doi.org/10.1075/jpcl.30.1.02jac>
- Kouwenberg, Silvia & John Victor Singler (eds.). 2008. *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*. Blackwell. 10.1002/9781444305982
- Lebel, Alexandre. 2021. *Grammar of Macao Creole Portuguese with typological and semiotic considerations*. Macao: University of Saint Joseph.
- Lorenzino, Gerardo. 1998. *The Angolar Creole Portuguese of São Tomé: its grammar and sociolinguistic history*. New York: The City University of New York.
- Maurer, Philippe. 1995. *L'Angolar: Un créole afroportugais parlé à São Tomé; Notes de grammaire, textes, vocabulaires*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
<https://doi.org/10.46771/978-3-96769-624-0>
- Maurer, Philippe. 1998. El papiamentu de Curazao. In Perl, Matthias & Armin Schwegler (eds.), *América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*, pp. 139–217. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- McWhorter, John H. 2005. *Defining Creole*. Oxford: Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/oso/9780195166699.001.0001>
- McWhorter, John H. 2018. *The Creole Debate*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108553308>
- Mufwene, Salikoko S. 2001. *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mufwene, Salikoko S. 2008. *Language evolution: Contact, competition and change*. London: Continuum.
- Negreiros, António Lobo de Almada. 1895. *História Etnographica da Ilha de S. Tomé*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand.
- Ribeiro, M. F. (1888). Dialecto da ilha do Príncipe. In: Graz, Universidade de (ed.). Austria.
- Rougé, Jean-Louis 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala.
- Seibert, Gerhard. 2004. Os angolares da Ilha de São Tomé: Náufragos, Autóctones ou Quilombolas? *Dossiê História Atlântica*, 12, 43–64.
- Smith, Norval. 1994. An annotated list of creoles, pidgins, and mixed languages. In Arends, Jacques (ed.), *Pidgins and Creoles: an introduction*, pp. 331–374. Amsterdam: John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cll.15.34smi>
- Thomason, Sarah Grey & Terrence Kaufman. 1988. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press.
<https://doi.org/10.1525/9780520912793>
- Velupillai, Viveka. 2020. The typology of Pidgin and Creole languages. *The Routledge Handbook of Pidgin and Creole Languages*, pp. 384–403. Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9781003107224-25>